

CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PROSTITUIÇÃO VIRIL

Normando José
Queiroz Viana*

Introdução

A luta das mulheres em busca de relações mais eqüitativas entre os sexos, de fato, é legítima. Perdas houve, mas muitas conquistas importantes foram alcançadas no seu processo de emancipação, fazendo com que elas ocupem, com muita desenvoltura, espaços tradicionalmente masculinos.

Contudo, sinto-me, por vezes, incomodado ao perceber, mesmo que implicitamente, na fala de muitas mulheres, estas atribuírem aos homens a culpabilidade pela situação de opressão experimentada por elas durante muitos anos. Não se trata, aqui, de eximir ninguém de suas responsabilidades, se é que

estas cabem de fato ao gênero¹ masculino; mas de procurar ampliar a compreensão diante desse contexto e, assim, poder entender que as relações foram, e ainda são, problemáticas para ambos os lados. A diferença é que as mulheres conseguiram romper com as normas estabelecidas e, a duras penas, alcançaram algumas vitórias, e os homens ainda ensaiam os primeiros passos para a sua libertação.

A emancipação do homem reformula todo um código de posturas e comportamentos rigidamente estabelecidos, que conduz a um inevitável processo de desconstrução de

* Psicólogo, especialista em psicologia social e comunitária. Artigo extraído de trabalho elaborado para a obtenção do título de especialista em psicologia social e comunitária pela Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE.

antigas práticas, como: o homem não pode chorar; a interdição à vaidade, assim como o acesso ao trabalho doméstico, entre outras. Nasce um novo homem, forte, firme, decidido, mas que não abre mão de sua sensibilidade, afetividade e vaidade. Assim, se faz necessária e urgente a implantação de um olhar personalizado para esse novo ser, que busca, e agora pode, apropriar-se com maior inteireza desse inédito universo masculino.

Entre vários aspectos desse universo que se revela a esse novo ser podemos citar a sexualidade, uma dimensão de expressiva importância para o homem que hoje circula por esse departamento com uma flexibilidade há anos inconcebível.

Para Giddens (1993, p.25)... "Hoje em dia a 'sexualidade' tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados... a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais".

Dessa forma, torna-se evidente o quanto o quesito sexualidade apresenta-se como elemento importante na construção da identidade do sujeito. Assim, tecendo vínculos entre o eu e o outro, o corpo e o social, constroem-se diferentes formas de ser e estar no mundo. Partindo desse princípio, faz-se interessante investigar, sob a luz das Representações Sociais², quais as impressões relacionadas à prostituição³ masculina ("garotos de programa") na perspectiva dos homens que exercem essa atividade na cidade do Recife.

O caminho da prostituição viril, expressão proposta por Perlongher (1987), ainda é algo bastante nebuloso; pouco se sabe devido à resumida importância atribuída a estudos com esse caráter. O que leva um homem a se prostituir? E, aqui no Nordeste, onde o machismo e o tradicionalismo mostram-se mais fortes, como essa prática é concebida e entendida pelo homem que a exerce? Sabe-se que a escassez de estudos dessa natureza contribui para a invisibilidade do tema em questão.

Utilizando os princípios da pesquisa exploratória, partindo de uma "observação livre" dos prostitutos, assim como da dinâmica da prostituição de rua – tendo como referência a pesquisa de Perlongher (1987), que investiga o gueto gay paulistano urbano no período de 1959 a 1984, em paralelo com os estudos de Cáceres (1996) e Fabregas-Martinez (2002), que apresentam significativa afinidade, além de considerável concordância teórica e metodológica – objetiva-se focalizar a investigação na identificação de um perfil peculiar do michê, como também na construção de uma geografia estrutural e relacional da prostituição de rua na cidade do Recife, revelando-se um perfil peculiar desses profissionais (2004).

Sexualidade: Fundamentos e Pressupostos ; Gênero

Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, gênero é uma categoria que indica, por meio de designações, uma divisão dos nomes em critérios, tais como sexo e associações psicológicas. Há gênero masculino, feminino e neutro. Porém, é importante lembrar que gênero, em ciências humanas, é um conceito que há muito transcende os limites lingüísticos e gramaticais.

A princípio, a compreensão de gênero versava sobre explicações universais e simplistas que empobreceram a complexidade do conceito. Gênero por muito tempo foi, e ainda é, de certa forma, visto como sinônimo de "mulheres", quando deveria ser entendido como uma categoria social, uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de ambos os sexos, segundo Scott (1991).

Ao pensarmos na construção desta identidade de gênero, se faz interessante considerar as interpretações que partem da premissa da diferenciação anatômica entre os sexos, uma vez que este adendo ainda funciona como condição interpretativa, como a base que estrutura a feminilidade e a masculinidade em nossa sociedade, fazendo do corpo o lócus de aprendizagem e vitrine

Caminhos e Descaminhos da Prostituição Viril

Normando José Queiroz Viana

do que é ser homem e ser mulher, reforçada pelas e nas instituições que validam os modelos convencionais de gênero. Contudo, vale salientar que...

"El proceso de socialización e identificación con el género que 'nos corresponde' requiere de un conjunto de instituciones, agentes y mecanismos para su logro. La familia, la escuela, la iglesia, los medios de comunicación, el grupo de pares y nuestra práctica cotidiana colaboran en esta empresa delineando estilos y expectativas" Bravo(2001, p.27).

No que se refere à mídia, percebe-se com clareza a sua intenção, já não mais tão subjacente como antes, em apresentar modelos de homens e mulheres a serem seguidos à risca. E aqueles que não fazem parte dessa (de) formação conceitual do ser homem e do ser mulher, o estigma e a discriminação que lhes acometem são inevitáveis.

A doçura, sensibilidade e fragilidade, comuns às mocinhas das novelas e filmes, (re)produzem o perfil adequado (ou esperado) de mulher; e mesmo aquela personagem arrojada, dita moderna, liberal, por mais que seja desejada por muitos (as), essa atualização feminina, se assim podemos chamar, experimenta uma mescla de aceitação e estranhamento oriundos do senso comum. O mesmo acontece com os homens, ao ostentarem, por escolha ou falta dela, suas "paixões nacionais" como o futebol e a cerveja, sem falar da famosa adoração masculina por carros, entre outros que ecoam em instituições, que, ao funcionarem como aparelhos ideológicos do Estado, perpetuam um preconceito materializado em esquemas de vida estáticos repletos de comportamentos inflexíveis que insistem em separar coisas de homem das coisas de mulher.

Falar de gênero é mais que pensar um lugar, é refletir a respeito de uma relação. Toma-se demasiadamente comprometedor, tanto para homens quanto para mulheres, entender, interpretar a atuação humana,

seus papéis sociais, dentro de uma perspectiva unilateral, à medida que ambos os universos se influenciam reciprocamente. Sendo assim, falar sobre a condição feminina implica inevitavelmente pensar a condição masculina, centrando atenção na relação, no *entre*, e não nos extremos, nos lugares de homem ou de mulher. Nesse contexto, o termo gênero é...

"... utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na idéia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo" Scott (1991 p.04).

Todavia este *entre*, não fica imune às marcas das relações de poder. Falar sobre gênero é falar, antes de qualquer coisa, sobre poder. Gênero também é um instrumento de classificação social que, ao instituir saberes aos corpos, cria uma rede de dominação e hierarquização manifestada sutilmente nas relações não só entre sexos, como também entre classes, raças e etnias.

Assim, a sociedade (de) forma a imagem de gênero que lhe parece mais adequada ou, quem sabe, conveniente aos seus interesses e expectativas. Como resultado, surge a aparição de uma compreensão vigente que privilegia uma sexualidade hegemônica pautada na heterossexualidade, para não dizer heterossexismo, desconsiderando e limitando a diversidade sexual, atribuindo um caráter antinatural às identidades sexuais distantes da vida reprodutiva; ou seja, pautados em explicações "simplistas" intenciona-se reforçar um entendimento tradicional, naturalizante e naturalizado das relações de gênero que há muito se faz descabido.

Sair da inércia, romper com a rigidez, é a isso que se propõem as discussões de gênero, problematizando os lugares, posturas e saberes tradicionalmente atribuídos ao feminino e ao masculino em nossa sociedade, sociedade essa que tarda em reconhecer e apreender as diferenças e os diferentes.

Do Sexo à Sexualidade

Compreender o que é sexo, seu referente, fundamento e aquilo que lhe caracteriza, é o primeiro passo a ser dado. Categórico, Costa afirma que “não existe tal coisa como ‘sexo’; existem muitas coisas, estados de coisas e eventos que concordamos em chamar de sexo” (Costa, 1996, p.63), evidenciando a flexibilidade de um tema ainda hoje tão polêmico. Todavia, entendendo o universo sexual, em sua origem interpretativa e valorativa, como multidimensional, torna-se imprescindível considerar o aspecto cultural como um dos fatores determinantes desse processo de identificação.

“Aquilo que entre nós é o fator comum a todos os atos sexuais, ou seja, o que pensamos que uniformiza, unifica e identifica os atos sexuais como qualquer coisa da ordem do sexo, podem inexistir em certas sociedades” (Costa, 1996 p.65). Entre o povo Sambia, uma tribo da Nova Guiné, por exemplo, o mais importante nas interações sexuais é a circulação do sêmen; “o fundamental não é descrever as preferências dos sujeitos quanto aos objetos de atração sexual, é precisar quais os tipos de interações físicas, ou afetivas ou espirituais, implicadas no circuito de produção e distribuição do esperma” (Costa, 1996 p.67).

Aquilo que é comum nem sempre é unânime, sobretudo quando tratamos de sexualidade dentro de uma perspectiva que lança um olhar específico sobre um grupo social, no caso os michês de rua, que parece pautar sua identidade de gênero dentro de princípios considerados mais “elásticos”, proporcionando a estes sujeitos certa mobilidade que lhes conferem, confortavelmente ou não, maior aproximação com outros tipos de identidades de gênero, sem que as suas tornem-se, aparentemente, comprometidas.

Falando Sobre Homoerotismo⁴

Nossa cultura latino-americana, em especial a brasileira, é marcada por inter-

pretações de gênero vinculadas aos papéis de ativo (homem) e passivo (mulher), não importando, necessariamente, se as interações sexuais são com parceiros ou parceiras, mas o lugar ocupado pelo sujeito nesse momento, como podemos perceber no depoimento a seguir.

“O que realmente importa é o que você faz na cama, se você gosta de ser ativo ou passivo. Um homem transando com um outro homem não é realmente diferente do que se ele estivesse transando com uma mulher (...). Desde que ele seja o cara que está fazendo o papel de ativo...” (Barbosa, 2002, p.56).

Diante desse depoimento, fica evidente o quanto as questões de gênero são traduzidas em relações de poder entre homens e mulheres, reforçando o que já foi dito anteriormente. Ou seja, as relações de poder, quer explícitas ou não, determinam uma cartilha da ordem sexual ideal; porém as lacunas existem como possibilidades diferenciadas de ser e estar no mundo, criando espaço para o exercício de “sexualidades alternativas” ou, se preferir, “variantes” da sexualidade humana, favorecendo um lugar de atuação para aqueles que não se reconhecem ou muito menos se identificam com o lugar de corpo dócil.

Os limites da compreensão do erotismo e da sexualidade tornaram-se mais elásticos/flexíveis, deixando de habitar o corpo, apenas, alcançando espaços concretos de circulação nas cidades, dos quais podemos citar como exemplo bares, boates, parques, *shop-pings*, entre outros, conhecidos no meio como lugares de “pegação”.⁵

O mercado homoerótico é composto por pessoas que buscam encontros sexuais ocasionais, geralmente fugazes e, conseqüentemente, descompromissados. Os espaços de circulação dos michês são muitos, divididos em duas grandes categorias: o espaço público (parques, banheiros, praças, avenidas...) e o espaço privado (boates, bares, saunas...), que funcionam naquilo que Parker chama de “região mo-

Caminhos e Descaminhos da Prostituição Váril

Normando José Queiroz Viana

ral", um tipo de esgoto libidinal das megalópoles (1987).

Todavia, a inscrição do mercado homossexual nessa região, que divide o território com outras marginais, confere marcas não apenas na arquitetura urbana, mas também na das relações pessoais.

O espaço físico ocupado pelos sujeitos imprime, de certa forma, algo em suas identidades, à medida que os limites geográficos do lugar ocupado transferem a seus ocupantes significados que são absorvidos, apropriados e transformados em um jeito de ser próprio.

No caso da prostituição de rua, interesse desta pesquisa, não existe uma fronteira física definida; a ambigüidade inerente à rua faz com que os prostitutos se misturem aos transeuntes conferindo-lhes um caráter de cidadão comum, "menos exposto" aos ataques alheios do que aqueles dos bordéis. Assim, alguns podem se considerar "menos prostitutos" do que outros ou, quem sabe, moralmente melhores (Freitas, 1985).

Esta erotização dos espaços urbanos possibilita pensar as particularidades de uma cultura ou subcultura homossexual no Brasil, mais especificamente no Nordeste, marcada, de certa forma, por influências norte-americanas e anglo-européias, mas também rica em características próprias que formatam uma dinâmica peculiar da vida homoerótica em nossas terras, universo este no qual o michê esta inserido e, nele e/ou através dele, constrói sua identidade de gênero.

O Que é o Michê?

Em uma acepção mais generalizada, o termo michê, apesar da obscuridade de sua origem etimológica,⁶ apresenta um duplo sentido: um diz respeito ao ato, à situação, e o outro, ao sujeito, ao protagonista da prostituição. Empregando um olhar mais detalhado, pode-se entender o michê como denominador de...

"... uma espécie sui generis de cultores da prostituição: varões geralmente que

se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente" (Perlongher, 1987, p.17).

Ou seja, sujeitos que reproduzem, em excesso, o estereótipo tradicional do homem macho. Dado interessante registra que um número expressivo de rapazes que se prostituem não se identifica como homossexuais, denunciando, nessa categoria, uma construção do masculino fundamentada, pelo menos aparentemente, em outros princípios que não os ditos convencionais, que colocam o homem como aquele que interage sexualmente única e exclusivamente com mulheres, fortalecendo aparentemente uma compreensão da sexualidade mais próxima da ação (atividade x passividade) do que do desejo.

Cabe aqui lembrar Goffman (1975) quando ele faz uma distinção entre os termos homossexual e homossexualista, alegando que o primeiro é usado para alguém que se engaja num tipo particular de ato sexual e o segundo refere-se ao sujeito que participa de uma comunidade desviante. Parece que este último seria o lugar comodamente escolhido pelos prostitutos como lócus de edificação de suas identidades.

Vale salientar que, curiosamente, a introdução gradativa, no discurso dos michês, dos termos homo, hetero e bissexual mostra-se mais útil na orientação das práticas sexuais do que na definição de suas identidades, servindo como elemento construtor de categorias flutuantes de caráter situacional (Barbosa, 2002), fazendo referência a uma identidade situacional.

Identificar-se e ser identificado como profissional do sexo é a anúnciação do pertencimento a uma marginalia. Para tal compreensão se faz necessário entender como esse lugar e esse papel de marginal é desenhado na atualidade.

Carreiras pouco convencionais, ou por assim dizer desviantes, são a materialização de um ato não-conformista, como é o caso da prostituição viril. Impulsionado para o desvio, é

assim que, geralmente, a maioria das pessoas percebe o sujeito desviante como alguém tendenciosamente de comportamentos inadequados à norma vigente, porém é importante esclarecer que essa propensão à impulsão não é exclusividade dos infratores sociais.

“É muito mais provável que a maioria das pessoas frequentemente experimenta impulsos desviantes. Pelo menos em fantasia, as pessoas são muito mais desviantes do que parecem. Em vez de perguntar por que os desviantes querem fazer coisas que não são aprovadas, poderíamos perguntar melhor por que as pessoas convencionais não levam até o fim os impulsos desviantes que têm” (Howard, 1977, p.74).

Procuramos aqui centrar esforços não “... na pessoa que comete uma vez um ato desviante, mas sim naquele que sustenta um modelo de desvio durante um longo período de tempo, que faz do desvio um estilo de vida, que organiza sua identidade em torno de um modelo de comportamento desviante” (Howard, 1977, p.77).

De que forma o homem profissional do sexo (“garoto de programa”) interage com esse desvio presente como princípio auto-organizador, gerador de um jeito de ser peculiar? Como nada surge do acaso, vale lembrar que muitas atividades consideradas desviantes surgem de motivações socialmente aprendidas, difusamente autorizadas pelo social, para serem posteriormente legitimadas como atividade, que, apesar de marginal, se reveste de sentido, uma vez que a prostituição incorpora o sentido do “mal necessário”.

Como o desvio também toma forma no e pelo olhar do outro, pode-se dizer que o fato de o sujeito ser descoberto publicamente no exercício da sua atividade, sendo estigmatizado desde então, pesa consideravelmente na construção de uma identidade desviante.

Prostituição: Um Outro Olhar

Investigar o universo da prostituição, prioritariamente feminina e/ou infantil, é uma

preocupação antiga, como podemos observar nos estudos de Lagnest (1975). No entanto, existe uma demanda relativamente mais recente, que envolve um cuidado específico com o homem e sua (s) masculinidade (s), procurando compreender de que maneira os desejos e prazeres masculinos constroem-se à margem da sexualidade hegemônica, criando uma cultura sexual comercial marcada por particularidades que carecem de esclarecimento.

Para Giddens, “hoje em dia a ‘sexualidade’ tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados...” (1993, p.25). Nesse universo, podemos citar o sempre presente, mas pouco pesquisado, seja por motivos práticos, teóricos ou ideológicos, e ultimamente mais em evidência, exercício da prostituição masculina. Para tanto, se faz necessário saber quem é seu anunciante, quem é o homem que negocia o corpo, quem é o michê?

A variedade de denominações como “prostituição homossexual”, “prostituição viril”, “negócio do michê”, “prostituição de rapazes”, entre outras mais frequentes, parece ser um reflexo da imprecisão dessa prática em nossa sociedade; prática essa que não se manifesta no vazio, mas em um espaço social que proporciona marcas indelévels em seus atores (Perlongher, 1987).

Aqui vale fazer uma ressalva no que diz respeito à interpretação que se tem do profissional do sexo. Nesse sistema de compreensão da sexualidade masculina, “... o ‘prostituto’ masculino, o ‘michê’, com quem se associa o papel de ‘homem’ no modelo hierárquico, ‘é desprezado por ser um indivíduo de classe baixa’ e ‘um homossexual não assumido, ao mesmo tempo em que é procurado por ser uma relação mais fácil” (Guimarães, op. Cit.:88 in:1982,p. 95).

Podemos falar em locais específicos de prostituição (saunas, casas de massagem, agências,...) e locais que favorecem a prostituição (bares, boates, parques, a própria rua,...). Esse segundo território refere-se aos

Caminhos e Descaminhos da Prostituição Viril

Normando José Queiroz Viana

espaços públicos, área de interesse deste estudo, tradicionalmente conhecidos no meio como lugar de pegação raramente dividido com prostitutas e travestis; onde os valores dos programas são aparentemente inferiores quando comparados à prostituição nos espaços privados.

Parece prevalecer nesses espaços, mesmo que veladamente, certo grau de agenciamento, cafetinagem, e não há, por parte dos michês, a unanimidade em desprender maiores cuidados com a imagem corporal, pois muitos acreditam que não precisam cultivar um corpo forte e musculoso, pois é na genitália que habita a essência da masculinidade, e não em outros atributos físicos. De fato, essa preocupação é presença constante no discurso dos homens, sejam eles michês ou não, demonstrando o quanto a dimensão anatômica e funcional do órgão sexual contribui simbolicamente para a elaboração da identidade masculina.

Enquanto nos espaços privados os michês costumam se autodenominar garotos de programa ou profissionais do sexo, vale salientar que entre os entrevistados dos espaços públicos, na pesquisa de Martinez (2002), existe uma recusa, em sua maioria, a essa segunda denominação (profissional do sexo), uma vez que eles não se reconhecem como "profissionais" nessa prática. Esse profissionalismo implicaria uma maior entrega e dedicação à atividade e aos clientes, prática essa que é sempre relatada como algo transitório, temporário e longe da seriedade de um emprego formal.

As impressões acerca da prostituição de rua no Recife parecem sinalizar certa proximidade com as informações relatadas anteriormente. Porém, uma ressalva relacionada à questão da autodenominação merece ser feita, a expressão "profissional do sexo", também utilizada aqui, parece refletir um amadurecimento político da categoria, mobilizado pela atuação de entidades que atendem a esse público em especial.

O território gay é mais um espaço de circulação do que de fixação, o que reforça

uma característica migratória própria dos michês de rua, observada no deslocamento de "casa" ao "centro" da população envolvida, acentuando um ar de nomadização à "deriva" (paquera) homossexual, exacerbada entre os profissionais rueiros (Perlongher, 1987).

O contato entre michês e clientes cria corpo "... a partir de um jogo de deslocamentos, piscares, olhares, alusões, pequenos gestos quase imperceptíveis para um estranho (...) num lócus de contornos aparentemente difusos e fugidios (que é a rua), toda uma sucessão de demandas e ofertas sexuais articulam-se" (Perlongher, 1987, p.45), sob a ótica do acaso, que encobre um emaranhado de signos e significados implicitamente codificados.

No que se refere ao michê-macho (homossexual ativo), percebe-se que sua condição sócio-econômica manifesta-se no espaço por ele ocupado. O ponto, como eles normalmente se referem ao lugar de batalha (expressão utilizada como sinônimo de trabalho pelos profissionais do sexo), é territorialmente cortado, entre outros, por três variantes em sua construção. São elas: gênero, idade e classe (Perlongher, 1987).

No quesito gênero, os prostitutas demonstram certa preferência por clientes com aparência masculina. "Via de regra, os michês tendem a preferir uma pessoa ligeiramente masculina, que não dá bandeira, que não seja muito evidente ou escandalosa, com quem é mais fácil circular sem chamar atenção" (Perlongher, 1987, p.128). Isso reforça a idéia de que a companhia de um gay efeminado, além de "contagiosa", compromete a masculinidade do michê; o cliente ideal, nessa perspectiva, seria aquele aparentemente masculino (permitindo-se, em alguns casos, certos deslizes de feminilidade), que ocupe o lugar de passivo no jogo sexual.

Em se tratando da idade, os michês são divididos em dois grupos: os novos (com menos de 20 anos, conhecidos também como erês, de 11 a 14 anos, e garotos, por volta de

15 ou 16 anos) e os velhos (todos com mais de 20 anos). No tocante à raça... "No que diz respeito exclusivamente ao negócio do michê, o preconceito não impede que boa parte dos prostitutos seja negra ou não-branca (mestiços, mulatos, genericamente chamados de pardos)". O predomínio cromático costuma ser dissimulado, recorrendo-se a definições sui generis das categorias raciais, considerando pardos ou "morenos claros"... (Perlongher, 1987, p.142).

Construindo uma tentativa de não se afastarem demasiadamente do modelo do michê loiro, altamente valorizado, porém, em contrapartida, o negro pode fazer uso, e o faz em muitos casos, do componente animalesco, folcloricamente, atribuído à sua sexualidade, como se pode perceber frequentemente nos anúncios de jornais e revistas especializadas.

Existe também uma diferenciação por grau de profissionalismo, uma vez que nem todos convertem o exercício da prostituição como sua principal fonte de renda, encarada mais como "extra" ou como última possibilidade de garantia da subsistência. Os **michês profissionais** são aqueles que costumam cumprir uma jornada de trabalho contínuo, que pode chegar até 10 horas, ou mais, dependendo do dia, ou melhor, da noite, do ponto, entre outros fatores, além de terem um convívio relativamente mais próximo com marginais de outra ordem. Aqueles que se prostituem circunstancialmente, sem necessariamente levar em conta o aspecto financeiro, mas sim encarando o fato, por vezes, como uma forma de vazão sexual, são chamados de **michês ocasionais**. Por sua vez o **semimichê** é aquele que, mesmo procurando um cliente, "... pode aceitar uma transa 'de graça' com algum 'entendido'. Ou, inversamente, aquele que não costuma ter relações homossexuais e 'faz uma exceção' em troca de um pagamento" (Perlongher, 1987, p. 132).

Vale salientar que Perlongher (1987) considera essas nomenclaturas muito mais "situacionais" do que "identificatórias",

estando à mercê de uma infinidade de variáveis que oscilam entre interesse, necessidade e desejo.

No que diz respeito à carreira de profissional do sexo propriamente dito, a grande maioria relata que foram as dificuldades financeiras que os fizeram ingressar nessa vida, atraídos pela expectativa de ganhar dinheiro facilmente; geralmente são apresentados por amigos que já praticam o "métier" ou frequentam o ambiente. Após a aprovação dos michês mais antigos, ou os chefes dos pontos (eles buscam manter certo padrão que corresponda ao modelo do michê-macho, pois o passivo, ou o liberal, além de comprometer a reputação do grupo, tem mais chances de conseguir um número maior de clientes, por apresentarem "serviços diferenciados", ocasionando, assim, prováveis intrigas entre os colegas de batalha), os iniciados na atividade passam a ganhar "... bastante dinheiro (proporcionalmente ao obtido em trabalho com pouca qualificação, aos que têm acesso, devido ao baixo nível de escolaridade, comum no meio) por se tratar de homens novos no local e, portanto, atrativos para os clientes..." (Barbosa 2002, p. 157).

Contudo, esse período é relativamente curto, durando apenas alguns meses. Em seguida, o número de clientes diminui, fazendo com que os michês migrem da rua para outros espaços de prostituição em busca de mais clientes e melhores remunerações. Com o passar do tempo, a clientela começa a rarear cada vez mais e é nesse momento que surge como alternativa a possibilidade de exercer práticas ilícitas, como o roubo, que apesar de ser considerado imoral, inclusive pelos próprios michês, converte-se em significado e sentido diferenciados, uma vez que essa passa a ser a única forma de renda para alguns deles. Pode-se, ainda, somar a isso certa legitimidade que parece revestir esses pequenos delitos no universo da prostituição, talvez pelo fato de situar-se muito próximo, social

Caminhos e Descaminhos da Prostituição Vini

Normando José Queiroz Viana

e geograficamente, a outros universos marginais (Barbosa, 2002).

O assunto identidade homossexual parece ser algo particularmente delicado para os michês que vivenciam certa "crise de identidade" e seu conseqüente incomodo. Segundo Weeks (1981), eles se deparam com um dilema: "Para o homem jovem que se prostitui, a escolha é, emocionalmente, entre conservar um conceito convencional de si mesmo (...) ou aceitar uma identidade homossexual com todos os perigos que isso acarreta numa sociedade hostil" (1981, p.130).

Orientando-se pela hierarquia hegemônica de gênero expressa na bipolaridade atividade/passividade, o homem profissional do sexo encontra-se em um dilema constante de afirmação de sua masculinidade, devido à própria natureza de sua atividade. E nesse processo de (re) elaboração da identidade, sobretudo a sexual, "... categorias como homo, hetero e bissexual (para quem acredita em bissexualidade, pois, segundo Ferro do Lago (1999), essa condição pode ser uma possibilidade menos estigmatizante do exercício da homossexualidade) começam a emergir em suas narrativas, mas não como uma identidade gay..." (Barbosa, 2002, p.160), mas como ferramentas que estão fundamentadas em estados transitórios, categorias flutuantes de identidades que favorecem uma alternativa de circulação, talvez menos comprometedora, entre o ser e o estar homossexual, homossexualidade que agora assume um caráter adjetivo e não mais identitário.

Aqui cabe levantar um questionamento proposto por Perlongher: "Por que pensar a questão da perspectiva da 'identidade homossexual', quando essa identidade não somente costuma ser alheia na sua mesma formulação aos oficiantes do negócio do michê, mas é muitas vezes explicitamente renegada?" (1987, p. 195). De fato, a resposta para esse questionamento não parece ser simples, e encontramos respaldo nas palavras de Guimarães (1977) quando ressalta que os riscos de trabalhar com a noção de identidade

na prostituição viril são ao mesmo tempo teóricos e empíricos. Ele diz:

"... o michê caracterizar-se-ia num momento, pelo fato de ser 'tido como heterossexual' (p. 87) – ainda que sua prática concreta, na instância da prostituição seja homossexual; e, num segundo momento, vai ressaltar o 'significado simbólico' (p. 109) outorgado à sua condição de insertor no intercurso anal, fato que não lhe impediria eventualmente, em troca de uma retribuição maior, mudar de posição no seio da relação concreta" (1987, p. 196).

Assim, essa crise de identidade estaria direcionada mais para uma dissolução do que para uma resolução. Essa dissolução se manifesta em posturas mais igualitárias, que buscam sobrepor uma interpretação homogênea e inflexível da identidade sexual, surgindo daí, segundo Fry (1982), certa tendência em substituir, ou acrescentar, as expressões já existentes, por outras do tipo "transar homem" ou "estar homossexual".

A Prostituição Viril no Recife ; Território

Os pontos de prostituição de rua identificados estão, predominantemente, localizados na Avenida Beira Mar, de Boa Viagem (das imediações da pracinha de Boa Viagem até o Hotel Villarica), e na Avenida Conde da Boa Vista, no centro do Recife (em frente à Faculdade Frassinete do Recife-FAFIRE e nos arredores do Hospital Psiquiátrico Luiz Inácio).

Localizado na zona sul da cidade do Recife, o bairro de Boa Viagem, sobretudo a Avenida Beira Mar, um dos metros quadrados mais caros da Região Metropolitana, é tradicionalmente conhecido pelo requinte e sofisticação de suas edificações e moradores, oriundos, em muitos casos, da mais alta sociedade pernambucana. Área residencial que divide espaço com algumas das casas noturnas, restaurantes e hotéis mais refinados, badalados e caros da cidade; apresenta um grande potencial turístico, uma vez que sua orla, a praia de Boa Viagem, é

um dos cartões postais mais famosos do Estado, portão de entrada de uma infinidade de turistas vindos de todos os cantos do Brasil e do mundo.

A Avenida Conde da Boa Vista é o corredor de concreto que corta o coração da cidade. Centro comercial amontoado e diversificado; multidão, barulho, poluição, movimento são as marcas de uma cidade que não pára, pelo menos durante o dia. Com o cair da noite, a confusão generalizada parece amenizar; é chegada a hora de voltar para casa; profissionais e estudantes batem em retirada. A noite é dos boêmios. Os bares, bem mais simples do que os da zona sul, estão quase sempre lotados nas noites das sextas-feiras e nos finais de semana.

População ; Michês

O grupo de profissionais abordados nesta pesquisa é majoritariamente oriundo da Avenida Beira Mar, no bairro de Boa Viagem. Os que exercem suas atividades no centro do Recife (Avenida Conde da Boa Vista) encontram-se em número reduzido, o que parece denunciar uma certa valorização, por parte da própria categoria, manifestada em práticas e tipos distintos entre os pontos de atuação profissional. De fato, esse valor parece revelar-se em posturas diferenciadas. Os michês que "batalham" no centro do Recife demonstram menor preocupação com a apresentação pessoal, além de serem relativamente mais velhos e aparentemente mais maduros.

Generalizando, é possível perceber dois tipos específicos de "garotos de programa": aqueles que se preocupam mais com a apresentação pessoal, considerados mais "arrumados" - gel no cabelo, tênis de grife, trajando calças e camisas mais apertadas que o habitual; e outros que apresentam um visual mais despojado - bermuda, calça de skeitista, camiseta, tênis ou sandálias fazem parte de seus figurinos, o que segundo um dos mais antigos deles desperta especial interesse da clientela. Todavia, a preocu-

pação com a aparência não parece ser uma unanimidade, visto que alguns, uma minoria de fato, se apresentam de uma forma bem simples sem maiores cuidados.

No quesito biótipo, existe o "malhado", estereótipo de "garoto de programa", que se revela mais como um mito do que como uma realidade de fato, visto que esse modelo tradicional não é figura exclusiva nessa atividade, dividindo em pé de igualdade o território com outros tipos como aqueles mais franzinos ou um "tipinho normal", todos aparentemente masculinos, sem contar com uma minoria de "afetados" (homossexuais mais efeminados).

A juventude é um aspecto considerado importante para o exercício dessa atividade. Jovens, dos mais diversos estilos e tipos, a maioria com idade entre 19 e 29 anos, misturam-se a outros com rostos ainda infantis, que tentam disfarçar/ esconder uma precocidade evidente alegando maioridade, buscando uma maturidade forçada e artificial pautada em trejeitos e vícios tradicionalmente comuns ou esperados dos adultos, como uma seriedade aparente no vestir-se e no portar-se, sem falar no consumo do cigarro e do álcool, entre outros, como passaportes para o ingresso prematuro na maioridade.

O nome é uma forma de identificação, talvez a mais utilizada, socialmente e legalmente legitimada. Dessa forma, uma contradição se faz presente em forma de questionamento: Como uma categoria que parece prezar por uma invisibilidade não se incomoda em revelar seu próprio nome quando estão com os clientes ou com outros, uma vez que esse artifício poderia ser usado com o intuito de preservar a integridade moral destes sujeitos?

Esses jovens geralmente se apresentam com seus verdadeiros nomes nas interações profissionais. Alguns admitem usar nomes fictícios, dependendo da situação, o que parece, curiosamente, sinalizar, por parte de uma minoria, certa preocupação com a preservação de uma identidade própria distante dessa identidade profissional. Para

Caminhos e Descaminhos da Prostituição Viril

Normando José Queiroz Viana

eles, a imagem que a sociedade construiu do "garoto de programa" é prioritariamente marginal; eles se queixam de uma dupla discriminação: uma relacionada à condição da homossexualidade, e a outra associada à figura do ladrão, do bandido, ambas projetadas nos atores desse ofício.

Questionados sobre como eles acham que a sociedade os percebe, alguns relatam de forma bastante enfática:

"Lógico que a sociedade olha diferente (...) não só por ser profissional do sexo, mas em ser gay, já é uma discriminação, né? (...) Com o profissional do sexo é pior ainda, porque pensa que vai roubar, sei lá, essas coisas, tem medo de parar, ser abordado com revólver, sei lá" Ricardo; "(...) É horrível o jeito que a sociedade olha o profissional do sexo. Já pensa que é ladrão, já pensa que vai roubar (...)" Iram (2004).

A convivência no universo marginal faz-se entender mais pela ótica da marginalidade social do que criminal, o que não inviabiliza a existência de indícios que apontem para uma possível atuação criminoso por parte de alguns profissionais em especial. Todavia, tal conduta parece ser severamente condenada pela maioria que, apesar de levar um estilo de vida considerado por muitos deles como "indigno", procura preservar valores e princípios morais que não comprometam ainda mais sua imagem.

São rapazes quase sempre oriundos de comunidades carentes, em sua maioria solteiros, sem filhos, não tendo sequer concluído o ensino médio, porém com pretensões de escolarização. Outro aspecto majoritário é a predominância das raças branca e parda nessa atividade, marcada por uma sutil desarticulação entre a raça relatada e a observada, o que faz referência à informação semelhante salientada por Perlongher (1987), em sua pesquisa sobre a denominação parda ou não-negra e todos os tipos de caracterizações do gênero que mascaram um olhar, um entendimento e uma identificação genuína com as questões de raça também presentes nessa categoria.

Escolher ou ser escolhido? Penso que alguns demonstram que a estréia nesse tipo de atividade é marcada por esse questionamento. Apesar da aparente demanda espontânea, fundamentada racionalmente por uma necessidade financeira, esta parece não esconder uma impressão, um sentimento de ter "caído" nessa vida, impressão que, conscientemente ou não, parece amenizar a angústia (ou, quem sabe, ausentá-los confortavelmente de suas parcelas de responsabilidade na condução de suas próprias vidas) de protagonizar esse ofício ainda tão constrangedor para o homem, gênero masculino, acostumado a ocupar um outro lugar na história da prostituição, até então entendida sob a ótica feminina: o lugar do cliente e não da mercadoria.

Em se falando de lugares, agora, na ótica da auto-identificação sexual, muitos ocupam o lugar do heterossexual, salvo alguns que demonstram uma homossexualidade manifesta. Outros poucos consideram as condições de ativo liberal e do bissexual como definidoras de suas identidades, assim como de suas práticas sexuais e profissionais.

Clientes

Apesar de a clientela não ser o objetivo principal desta pesquisa, percebe-se na fala dos michês, apenas na fala mesmo, que a invisibilidade desse grupo é mais acentuada que no caso dos profissionais do sexo, o que é de certa forma até compreensível, visto que o estigma atribuído aos consumidores desses serviços (consumidores no gênero masculino, uma vez que a presença de homens é quase unânime na construção dessa clientela, que esporadicamente se mistura com o gênero feminino) parece ser duplamente comprometedor, atingindo tanto a dimensão da imoralidade, atributo normalmente associado aos sujeitos que fazem parte desse universo, como o questionamento da identidade sexual dos mesmos.

Heterogêneo por natureza, esse grupo não apresenta um perfil peculiar, seja no quesito faixa etária, escolaridade, classe

social, poder aquisitivo, entre outros, com exceção da condição homossexual, única característica presente em maiores proporções, relatada em meio a risos e deboches pelos michês; de fato, diversidade parece ser a palavra que melhor representa esse grupo.

"Tem advogados (pausa)... varia muito isso, porque é assim, vêm advogados, policiais, vêm andando, caminhando, vêm de carro, de moto, de tudo que é jeito. São mais homens (...) tanto faz vir um boy novo como um velho de 40 anos, 60 anos (...)" Iram (2004).

Cotidiano da Prostituição ; Inserção e Abordagem

O interesse e a conseqüente inserção nesse universo parecem ser essencialmente espontâneos. A prostituição viril surge no vácuo da necessidade financeira que a legítima e válida, apesar de ser indigna, segundo alguns profissionais do sexo:

"Eu acho que a necessidade está acima de tudo, obriga a gente a fazer muita coisa, porque se eu tivesse um trabalho digno eu não estaria aqui não. Eu vou em busca, velho; eu vou sair dessa vida; isso não é vida para mim não(...)" Iram (2004).

Um peso considerável deve ser atribuído ao exercício da atividade profissional como complementação da renda pessoal e por vezes familiar, visto que muitos durante o dia exercem, mesmo que informalmente, outras atividades profissionais. Muitos fazem uso dessa espécie de argumento, amparado pela contribuição ativa com as despesas da casa.

Mais uma vez, reforçam e legitimam o exercício de suas atividades profissionais:

"(...) Tem gente que sustenta família aqui e tem que se agilizar tudo, roupa, sapato, onde dormir, como vai viver, tem que ralar mesmo (...)" Iram (2004).

Muitos deixam transparecer uma certa dificuldade em lidar com o dinheiro. O que conseguem ganhar em uma noite de trabalho, gastam rapidamente não se sabe bem

com o quê. Penso que com roupas, acessórios, farras e talvez drogas lícitas e ilícitas, visto que essa última possibilidade de gasto foi tratada por eles de forma relativamente tranqüila, assim como seu consumo observado e constatado em alguns momentos nas idas a campo. Ou seja, o contato com as drogas, outro aspecto observado nessas interações, se faz presente nessa categoria. Porém, acredito que essa questão surge mais como uma escolha pessoal do que uma exigência da atividade profissional.

Creio que a questão do valor subjetivo atribuído ao dinheiro, até mesmo devido à sua origem, e a forma como ele é ganho influenciam diretamente na relação desses sujeitos com o monetário. Lembro claramente de uma conversa informal que tive com um deles - um dos mais velhos, 28 anos, que já "batalha na pista" (expressão utilizada corriqueiramente por alguns deles que faz referência à atividade de rua) há uns 7 ou 8 anos mais ou menos - o espanto estampado em seu rosto quando relatou: "Como minha mãe pode aceitar dinheiro de "putaria" !?" Henrique (2004). Isso reflete uma possível relação, mesmo que sutil, entre sujeira, imoralidade e prostituição masculina.

Rotinas e Interações

O cotidiano dessa atividade não demonstra maiores alterações apesar de sua peculiaridade. Quatro noites de trabalho por semana (normalmente de quinta a domingo, com destaque para a sexta e o sábado como dias de maior e melhor movimento) iniciadas por volta das 22 h, sem horário determinado para terminar, com remunerações que, na maioria dos casos, salvo as exceções, não ultrapassam a média de um salário mínimo ao mês.

Grupo fragmentado por natureza, as interações entre seus integrantes não é um ponto forte nessa categoria. Eles relatam não gostarem da idéia de andar em grupos, apesar de, contraditoriamente, esse encontro ser observado em alguns momentos. Porém, o estar

Caminhos
e Descaminhos
da Prostituição Viril

Normando José
Queiroz Viana

junto parece refletir mais um compartilhar de um espaço geográfico em comum do que a compreensão verdadeira do sentido de grupo, sem contar com a característica flutuante própria dessa categoria.

A cada ida à avenida, novos meninos surgem. Uns retornam de períodos de descanso, ou talvez tentativas frustradas de desligamento dessa vida; outros estréiam no ofício; outros regressam oriundos de diferentes pontos em busca de melhores remunerações, especialmente nesse período do ano (de julho a agosto), em que o movimento não é dos melhores, devido à presença atípica de fortes chuvas, que afastam a clientela esperada.

Se no interior da categoria as relações não são as melhores possíveis, as interações com outras categorias de profissionais do sexo, como os travestis e as profissionais do sexo do gênero feminino, sem contar com outros tipos *sui generis*, não chegam sequer a serem colocadas em pauta. Tanto que esse distanciamento, ou impossibilidade, se materializa em territórios de trabalho rigidamente determinados e distanciados, a fim de garantirem, quem sabe, uma preservação de suas identidades refletidas como num espelho na atuação dos (as) outros (as) que exercem essencialmente a mesma atividade.

Considerações Finais

Entender o universo da prostituição, agora, sob a ótica masculina, é contemplar uma forma de compreensão até então pouco privilegiada, mas necessária, que busca preencher uma lacuna em estudos dessa natureza.

Pensar o homem profissional do sexo ("garoto de programa") parecia, até bem pouco tempo atrás, algo não muito provável, no mínimo inusitado. O protagonismo na prostituição não pertencia naturalmente/

tradicionalmente ao gênero masculino; o homem foi por muito tempo desapropriado desse lugar; o que não quer dizer que ele não tenha existido de fato e apresentado uma série de peculiaridades inerentes à geografia local e relacional comum aos seus anunciantes.

Tendo como referência teórica e metodológica os estudos anteriormente realizados por Perlongher (1987), Cáceres (1996) e Fabrega-Martinez (2002), percebe-se que semelhanças e diferenças oriundas de uma perspectiva local mostram-se presentes. Fica, desse modo, evidenciada a importância de se tratar a questão da prostituição masculina dentro de um recorte sócio-cultural que atenda às demandas da realidade de uma capital do Nordeste brasileiro conhecida pelo machismo e o tradicionalismo mais arraigados.

Essa espécie de investigação mostra-se pertinente, uma vez que mobiliza desdobramentos interessantes no que diz respeito a uma melhor compreensão do sexo e da sexualidade, além da construção do processo de individualização do sujeito, a fim de proporcionar um olhar mais apurado sob antigas e novas formas de representação social do masculino em nossa sociedade.

Assim, as Ciências Sociais beneficiam-se com este estudo, uma vez que encontram espaço para um tipo de discussão pouco privilegiada pela literatura, seja por motivos práticos, teóricos ou metodológicos. Flexibilizando posturas e olhares, a ciência consegue dar conta de sua responsabilidade social, exercendo o direito, e o dever, de contribuir significativamente na construção de um processo mais saudável ou, quem sabe, menos hostil de socialização do homem, sobretudo o homem profissional do sexo, a partir do momento em que põe em cena a proposta de ressignificação do masculino em nossa sociedade.

Notas

¹ Gênero, segundo Azevedo (2002), é compreendido como uma lógica social que institui significado a corpos, práticas relações, crenças e valores.

² A compreensão do que seja representação social, segundo Moscovici, refere-se a "...saberes populares e do senso comum, elaborados e partilhados coletivamente com a finalidade de construir o real" (1981, p.105).

³ Segundo pesquisa de Lagnest (1975), entende-se por prostituição a presença de três elementos: aluguel do corpo, ausência de amor e presença de jogos sexuais. Para Bacelar (1982), trata-se de "... um tipo desviante em qualquer camada da sociedade...".

⁴ Comungo da opinião do psicanalista Jurandir Freire da Costa (1995), que ao usar a expressão "homorótico", no lugar de homossexual, homossexualidade ou homossexualismo, atribui um caráter mais íntegro ao ser humano. "Penso, simplesmente, que continuar usando tais palavras é continuar concedendo à nomenclatura o vocabulário do preconceito, um privilégio que não quero conceder..." (1995, p.15).

⁵ Expressão utilizada para designar relações sexuais rápidas e anônimas entre homens.

⁶ Para mais informações, ler "A sombra de Dionísio", de Michel Maffesoli (1985), traduzido por Aluizio R. Trinta.

Caminhos
e Descaminhos
da Prostituição Viril

Normando José
Queiroz Viana

Bibliografia

- BACELAR, Jéferson Afonso. *A família da prostituta*. Salvador: Fundação de Cultura do Estado da Bahia, Editora Ática, 1982.
- BARBOSA, Maria Regina (org.). *Interfaces-Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva*. In: Fabregas – Martínez, Ana Isabel. *Explorando a sexualidade do michê na cidade de Porto Alegre*. Campinas: São Paulo. Ed. Unicamp, 2002.
- _____. *Sexualidades Brasileiras*. In: Cáceres, Caio. *Pesquisa sobre prostituição masculina em Lima*. In: Costa, Jurandir Freire. *O referente da identidade homossexual*. Relume Dumará-ABIA: IMS/UERJ, 1996
- BARBOSA, Maria Regina; PARKER, Richard (orgs.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/ UERJ, São Paulo: Ed.34, 1999.
- _____. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro. Relume Dumará-ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- BRAVO, Patricia Ruiz. *Sub-versiones masculinas. Imagens de los varones en la narrativa joven*. Lima: Centro de La Mujer Peruana Flora Crístán, 2001.
- FREITAS, R. Springer de. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- FRY, Peter. *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOFFMAN, Irving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1975.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O Homossexual visto por entendidos. Dissertação de mestrado em Antropologia Social*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional, 1977. Mimeo.
- _____. "Casos e acasos". Anais do IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Águas de São Pedro, 1984.
- HOWARD, Becker. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977.
- MARQUES, L. Rosa. *A teoria das Representações Sociais na pesquisa em educação*. In: Revista Travessia. Olinda: v. 4 n. 1 set./2002.
- NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PERLONGHER, Nestor O. *O negócio do michê. Prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. SOS Corpo, 1991.
- VIANA, Normando J. Q. – *Caminhos e Descaminhos da Prostituição Viril: Um Estudo sobre as Representações Sociais da Prostituição Masculina na Cidade do Recife*. Recife-PE 2004 (Monografia de especialização em Psicologia Social e Comunitária-FAFIRE).
- WEEKS, Jeffrey. "Inverts, perverts and mary-annes. Male prostitute and the regulation of homosexuality in England in the nineteenth and the early twentieth centuries". In Journal of Homosexuality: v. 6 (1-2). São Francisco: The Haworth Press, 1981.

Caminhos
e Descaminhos
da Prostituição Viril

Normando José
Queiroz Viana

